

## “AS FLORES DO MAL”: A EXPERIÊNCIA DA DENEGAÇÃO DO OUTRO GENERALIZADO NA INTERNET

José Manuel Resende<sup>1</sup>

Lucas Freitas de Souza<sup>2</sup>

### RESUMO

Em proporções jamais vistas pela humanidade, a chegada da primavera árabe enfatizou o debate a respeito das migrações forçadas. O tema, agora em voga, são os refugiados. Fugindo do caos dos conflitos armados, são as flores de uma primavera de sangue e dor. Em busca de melhores condições de vida, mais de 68 milhões de pessoas migram de forma desordenada por todo o globo. A fuga deste conflito acaba por trazer à tona um novo conflito para seus atores. O partir, o chegar e o permanecer são agora o problema. Questões de acolhimento e hospitalidade são levantadas. Muito mais complexo que o simples receber, estas flores que agora habitam outros jardins não são vistas, muitas vezes, como tal, e sim, como ervas daninhas. O presente ensaio pretende “emoldurar”, com base na análise de comentários retirados do Web Mundo, a imagem do refugiado sírio contruída pelos nacionais portugueses. Pretende ainda analisar os confrontos enfrentados por estes refugiados durante o processo de socialização e sua experiência em relação ao chegar (acolhimento) e ao permanecer (hospitalidade), transpondo a instável ponte entre o “sejam bem-vindos” e os “refugiados de merda”.

### PALAVRAS-CHAVE

Acolhimento. Hospitalidade. Refugiados. Internet. Críticas.

<sup>1</sup> Sociólogo. Professor catedrático de Sociologia em Évora. Investigador Integrado no CICS.NOVA, colaborador do PPGSP da UENF, consultor externo do INCT/InEAC da UFF e do Instituto Vladimir Herzog no Brasil, fundador e coordenador do coletivo Pragmaticus.

<sup>2</sup> Doutorando em Sociologia na Universidade de Évora, Portugal. Pesquisador colaborador no Grupo de Pesquisas Políticas Públicas e Dinâmicas Sociais e no coletivo Pragmaticus.

## **1. Chegar, permanecer e multiplicar: os roteiros e a morfologia dos imigrantes como problema público**

A deslocação dos imigrantes para a Europa tem sido avaliada por vezes críticas a partir dos seus roteiros. Neste sentido, as discussões públicas sobre a sua chegada a territórios europeus não põem em causa o ato de imigrar. Assim, o problema é transferido para quem tenta entrar no continente para ficar a residir e a trabalhar.

É por esse sentido que o foco da celeuma está mais do lado da qualificação que se atribui ao imigrante, que solicita a autorização legal para entrar, do que propriamente pelo desejo ou vontade de imigrar. É por essa via que os indicadores em torno da viagem são importantes para a análise das operações críticas produzidas por quem se opõem à sua vinda.

Tomado como ajustado este raciocínio, sustentado nesta hipótese, o exame público da viagem está a ser feito, desde a crise dos refugiados em 2015, quer através do seu número, quer através dos meios usados para o deslocamento desses imigrantes entre o seu ponto de origem e o ponto de chegada. A controvérsia pública é agora potenciada justamente em resultado das notícias veiculadas pelas mídias, em particular pelas televisões, que mostram, não só a precariedade dos meios utilizados e o perigo que advém da sua utilização, mas também a quantidade de gente que embarca nestes barcos e que tentam, a todo o custo, aproximar-se do destino com vista a ser acolhido pelas autoridades marítimas e de controle das fronteiras sediadas em cada um dos portos.

Se as imagens televisivas fazem prova de todos os riscos anunciados, as reportagens dão conta de outros problemas humanos, que vão ocorrendo nas longas e inóspitas viagens que muitos destes imigrantes fazem desde o ponto de partida, que não sempre é o mesmo. Uns partem do centro do continente africano ou de zonas da região

subsariana, outros vêm do continente asiático, de países do médio oriente, nomeadamente, os refugiados sírios, outros ainda são provenientes dos países magrebinos<sup>3</sup>.

Destas, os telespectadores retiram relatos de enorme sofrimento humano, não só físico como emocional. As experiências descritas mostram a fronteira complexa entre o que significa ser um ser humano e um ser que, apesar de todas as peripécias passadas, consegue chegar vivo à Europa.

Não obstante às possíveis consequências destas viagens e das razões que levam estes seres a este deslocamento massivo, há vozes que se têm destacado na crítica feroz à política de acolhimento na Europa destes imigrantes. É sobre estas vozes que clamam pelo fechamento das fronteiras que vamos dar maior atenção na análise.

É por intermédio das informações veiculadas pelos órgãos de informação às quais se acrescentam outras, recolhidas por meio das redes sociais, que são forjadas as operações críticas produzidas por quem ajuíza como repugnante a chegada destes imigrantes. O propósito da reflexão que se apresenta é precisamente trazer a público a gramática de razões (Mills, 1940; Trom, 2001) que são aduzidas por atores que através de expressões diversas expõem publicamente a repulsa pela vinda dos imigrantes na qualidade das pessoas que são vistas pelas reportagens passadas pelas mídias, outras transmitidas por diferentes plataformas digitais, umas e outras reproduzidas e encaminhadas à exaustão pelas redes sociais.

Através das razões alegadas, é manifestamente possível identificar a forma como os oponentes classificam e categorizam estes seres. É neste sentido que os discernimentos

---

<sup>3</sup> Segundo dados apresentados pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, 68% dos refugiados do mundo tem origem em cinco países, sendo estes: Somália, Afeganistão, Myanmar, Sudão do Sul e República Árabe da Síria (UNHCR, 2018).

sobre a pessoa que é qualificada como imigrante é fundamentada em crenças de que as imagens vistas e revistas confirmam como reais, isto é, como acopladas em cada um dos seus rostos e corpos, mas também no conjunto amontoado de seres que desembarcam nos portos de acolhimento.

Dito de outro modo, estas vozes críticas portuguesas não testemunham diretamente as experiências de convivência, nem de mero contato com estes imigrantes. Os comentários ou apreciações daquelas vozes resultam sobretudo das imagens, dos relatos e dos discursos feitos por jornalistas, por distintos e diferentes opinantes.

Esta é outra hipótese equacionada. Neste sentido, fundamentam o seu ponto de vista por aquilo que observam à distância e não por uma vivência comum num espaço ou num território determinado. Assim é da visualização da corporalidade dos corpos que são abrigados pelas autoridades, ou que são vistos a tentarem escapar à sua identificação, controle, vigilância e cuidado por estas mesmas autoridades, que são conferidas a tese que as primeiras impressões (Resende, 2019; Stavo-debauge, 2017b) se transformam em certezas sobre o que são, de onde vêm e o que vão fazer nos territórios que acabem eventualmente por aceitarem a sua permanência.

As sucessivas vagas de imigrantes, desde 2015, representam referências importantes para a mobilização crescente de vozes críticas, que trazem para a esfera do público um forte descontentamento, e mesmo repúdio, pela maneira como o conselho europeu e alguns países ensaiam políticas para os receber e os distribuir por cotas pelos outros estados-nação que também pertencem à União Europeia. A multiplicação das vagas, apesar da sua variação numérica, é uma referência não negligenciável para estas apreciações repressoras e que visam a punição daqueles que pretendem entrar na Europa, em nossa análise, especificamente, em Portugal.

É por isso que a questão numérica aparece aliada a outras qualificações produzidas sobre estes seres humanos. As objeções sobre a autorização às suas entradas juntam as adjetivações qualificantes à figura do imigrante estrangeiro à sua reprodução numérica.

Permitir a entrada de alguns é abrir precedentes para que outros entrem nas mesmas condições, em particular, os indivíduos que provem ser da mesma família nuclear ou alargada. A própria experiência de nacionais, que em outras épocas foram imigrantes e estrangeiros em outros Estados europeus ou em outros continentes, têm a noção que os fluxos migratórios são facilitados pelas redes familiares.

Quem parte primeiro e consegue a inclusão no país de destino consegue, com o tempo que passa, juntar a si outros membros da família que tomam a decisão de ir para não regressar. Neste sentido, a economia de escala destes fluxos não permite separar os questionamentos levantados pela chegada e pela permanência de um outro desconhecido ao seu potencial número que tende, com o tempo, a se multiplicar por muitos mais. Redimensionar o número ajustado é também complicado. Face a estes desajustamentos, os problemas apontados a quem solicite entrar e ficar estão conectados com o número daqueles que estão envolvidos nestes fluxos. Neste sentido, a morfologia destes movimentos alimenta a polémica da chegada e permanência dos imigrantes sejam estes indivíduos que procurem ou não refúgio no país de destino.

## **2. Afetados pelas deslocações: itinerários por veredas infernais**

No decorrer de sua evolução, o homem descobriu que não seria possível ficar preso a apenas um lugar. Era preciso migrar. Inúmeras foram as motivações que levaram a humanidade à busca infindável por novos ares. O ser humano deslocou-se incontáveis

vezes por todo o globo terrestre. Modificando, assim, o ambiente, os indivíduos e as sociedades.

Os diversos motivos que levaram a humanidade a migrar no decorrer de sua evolução podem ser resumidos, basicamente, em uma palavra: Sobrevivência. A busca infundável do homem por alimento e segurança. As precariedades vivenciadas forçaram o “homem macaco”, romantizado por Arthur Clarke (2013), a evoluir. No princípio o verbo era circular. O deslocamento era provisório e ditado pelas estações do ano. Resumia-se a busca pela facilidade de alimentos e segurança. Posteriormente o verbo era habitar, e assim, o ser humano habitou quase todo do globo terrestre. Até este momento, o homem ainda conjugava o verbo regressar, pois seu deslocamento era prescrito pelo processo circular das estações.

As estações do ano já não ditam o migrar humano, que passou a ser, além de uma busca, uma fuga. A complexidade do ato de migrar atingiu proporções jamais previstas pela humanidade. Antes um ato planejado e cronometrado pelos períodos do ano; hoje algo executado com desespero e aflição. Sem conforto, nem riquezas. O deslocamento, nos parâmetros da atualidade, é conjugado pelo verbo abandonar. Abandonar sonhos, lutas, familiares, estruturas, recursos. A questão agora, parafraseando Shakespeare em Hamlet (1603), é regressar ou não regressar. E se regressar, quando? Permanecer ou não permanecer. E se permanecer, onde? São partidas movidas pelo desespero e pela exasperação. O partir, por sua vez, não dialoga, é necessidade.

Para aqueles que atualmente são forçados a migrar, a vida pode ser resumida em partir, chegar e permanecer. Partir, sem saber ao certo para onde. Chegar, sem saber ao certo de que forma. Permanecer, sabe-se lá como. O permanecer dita o fim deste processo migratório, que nem sempre se resume a estas três etapas. Por vezes, o partir e o chegar

se repetem. O chegar torna-se um novo ponto de partida e um novo nirvana se anuncia no horizonte distante. A busca pelo permanecer continua (Schappo, 2004).

Em proporções jamais vistas na história humana, um gigantesco deslocamento forçado está ocorrendo no mundo. Milhões buscam refúgio longe de seus leitos pátrios<sup>4</sup>. Encurralados por conflitos armados, catástrofes ambientais, crises financeiras e opressões políticas veem-se obrigados a abandonar toda a estrutura construída por gerações e recomeçar do zero. Enfrentam, para isto, frio e calor, chuvas e fome. Transpondo barreiras culturais, linguísticas e religiosas. Deixam suas casas para, em uma terra distante, tornarem-se refugiados<sup>5</sup>.

Ao partirem às pressas de seus locais de origem, chegam ao incerto destino, destituídos de condições básicas. Privados do essencial, perdem, aos poucos, sua própria essência. São despatriados, órfãos em busca de um lar adotivo. Encontram, em seus tortuosos caminhos, pontes intransponíveis e portas fechadas (Simmel, 1996). Proibidos de entrar, assemelham-se aos animais domésticos, que à porta aguardam por uma migalha de alguém. Perdem aos poucos sua condição humana (Bauman, 2017). Refugiados do medo que se escondem em rasas trincheiras da discórdia. Levantam dúvidas e medos. Poucos são os braços que se abrem em um fraterno abraço. Inúmeras são as pedras que se armam contra estes. Incontáveis os olhares, desconfiados e amedrontados, que se levantam.

---

<sup>4</sup> Segundo relatório apresentado pela UNHCR existem hoje no mundo mais de 68 milhões de refugiados (UNHCR, 2018)

<sup>5</sup> A Organização das Nações Unidas, por intermédio de seu órgão responsável, o ACNUR, define refugiado como “pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados” (2018). Atualmente, questiona-se a necessidade de ampliação deste conceito, de forma a conceder àqueles que estejam “em condições de vulnerabilidade, mas não podem, juridicamente, obter condição de refugiado” a mesma proteção oferecida aos refugiados (Silva, 2017, p. 164). Um exemplo desta ampliação seriam a abrangência aos refugiados ambientais, vítimas de catástrofes da natureza.

Na construção de uma realidade paralela, inúmeras vezes se levantam na arena moderna (Cefaï, 2002, 2005, 2009, 2011; Thévenot, 2014). Uma arena construída sem limites nem pudor, que permite voz a todos, ou quase todos, de forma igualitária. Não há filtros neste novo coliseu. Desprendidos dos conceitos morais do mundo usual, discursos de ódio são, em grande maioria, a bola da vez.

Em meio ao intrincado decurso migratório, complexos processos surgem. Com o partir, chegar e permanecer, lidamos, respetivamente, com o abandono, o acolhimento e a hospitalidade. Complexidades que determinarão os próximos passos desta longa caminhada. A bola da vez: Os refugiados. Versaremos neste texto sobre o acolhimento e a hospitalidade com aqueles que, sem nenhum apoio, partem em busca de segurança (Stavo-debauge, 2017a).

Para a construção deste trabalho, fora realizada uma pesquisa exploratória em busca de comentários em redes sociais, sites, blogs e plataformas online, como o YouTube<sup>6</sup>. Os dados obtidos foram filtrados, excluindo-se os comentários duplicados e comentários sem relevância para o tema. Posteriormente, os comentários foram tratados e catalogados de acordo com o seu conteúdo, favorável ou contra a presença dos refugiados. Infelizmente, por se tratar da análise de comentários, a pesquisa não pode apresentar números exatos, visto que existe a possibilidade de um indivíduo possuir mais de uma conta e realizar vários comentários. Com o intuito de obter melhores dados sobre a temática, está sendo desenvolvida uma pesquisa intitulada: Pesquisa Lusitana das migrações. Deste modo, o presente trabalho apresenta comentários, expressados na Web, sobre a temática e estes, por seu conteúdo, podem gerar opiniões sobre o assunto. As falas

---

<sup>6</sup> © 2019 YouTube, LLC.



foram selecionadas de forma a apresentar os principais pontos abordados nos comentários.

Em um mergulho ao profundo abismo do espelho social, adentramos a arena pública da internet. Observadores atentos aos detalhes circunstanciais do processo de construção da opinião pública no Web Mundo, analisamos através de nossos monitores representações, ora límpidas, ora distorcidas.

### **3. Flores do mal: os confrontos com os destinatários nos tempos das chegadas.**

A mutação dos meios de comunicação, em especial a internet, possibilitou que milhares de vozes se expressassem. Uma gigantesca onda de informações, tal como um tsunami, invadiu lares, cidades e pessoas. Protegidos pela distância de um monitor, e muitas vezes pelo anonimato, estas vozes se expressam sem medo de sanções legais, ou reprovações sociais. Sentimentos enterrados pelos destroços da segunda guerra mundial ressurgem. Aparentemente superados, estavam apenas escondidos, esperando a hora certa para, novamente, aparecerem.

A onda de refugiados ocasionada pela primavera árabe (Silva, 2017) despertou, apoiados em medos seculares, sentimentos variados na sociedade europeia. Na arena pública expressada pela internet, viu seu quintal ser transformado em um verdadeiro Coliseu da era moderna. Gladiadores, em grande maioria utilizando codinomes, usam como armas argumentos adjetivados, sustentados por qualificações que desqualificam os seres que chegam, atribuindo-lhes apreciações que intendem apagar a sua comum humanidade. “Nenhum passe é exigido, e não se registram entradas e saídas” (Bauman, 2009, p. 76). Seus escudos, além da distância oferecida por seus monitores, são os traumas seculares de invasões, preconceitos e um conservadorismo exacerbado.

Jardineiros de sua existência veem brotar em seus campos ervas não conhecidas, com as quais não sabem lidar. São as flores de uma nova, e longa, primavera, iniciada em meados de 2011, que trazem a confusos e inquietos habitantes lusitanos o medo e a discórdia. Flores desconhecidas que, em seus fechados campos de visão, apenas vem para consumir reservas já escassas pelo tempo. É comum, em meio aos milhares de comentários no Web Mundo, encontrarmos falas que expressão ódio e repulsa, justificando que: “Já temos pobres que cheguem em Portugal” (Agência Lusa, 2018)<sup>7</sup>.

Estas ervas daninhas geram medo e “o medo nos estimula a assumir uma ação defensiva, e isso confere proximidade, tangibilidade e credibilidade às ameaças, genuínas ou supostas, de que ele presumivelmente emana” (Bauman, 2012, p. 298). É um medo de uma proliferação em massa, sem capacidade de controle. Medo de serem sufocados por estas flores do mal e, aos poucos, deixarem de existir. Medo de que, em meio a uma desenfreada proliferação deste pólen sejam, aos poucos, esquecidos. Tornando-se uma mistura mais delas do que das ervas que aqui já habitam. Este medo pode ser verificado em trechos que afirmam que a acolhida dos refugiados “é literalmente suicídio em massa do povo europeu [...]” (AngryPortuguese Man, 2017). Justificam suas falas, já em atitude de defesa, afirmando que “se fosse no tempo medieval, isto se chamaria invasão, mas atualmente, se chama ‘migração’” (AngryPortuguese Man, 2017) e, de forma a tentar “amenizar” a situação, esclarecem, “[...] mas os sírios pelo menos são brancos, diferente dos angolanos” (Madeira & LUSA, 2018).

Estas estranhas flores do mal que batem a porta são trazidas de campos longínquos, bem além do saudoso mar. Não estão aqui por uma característica da espécie,

---

<sup>7</sup> Todos os comentários apresentados neste trabalho encontram-se da forma que aparecem na Web. Todos os erros ortográficos são responsabilidade de seus autores. Está nota se estende a todos os comentários apresentados no decorrer deste texto.

que insiste em se espalhar. Foram trazidas por ventos tristes e furiosos, ventos com cheiro de morte e destruição. São os filhos de um conflito ainda sem solução. Buscam apoio em braços que nem sempre estão prontos para amparar (Stavo-debauge, 2017a). São acusados constantemente: “Só roubam empregos”, “Deixa eles vão acabar com Portugal. Esse povo sírio não vale nada”, “[...] Eu achava que já tínhamos suficiente com tantos brasileiros e angolanos em Portugal, mas não. A única coisa que eu espero é que não comece a haver atentados em Portugal [...]” (Madeira & LUSA, 2018).

Esta não é sua primeira parada. Muitas destas flores o vento jogou em vários cantos antes de aqui serem depositadas. E talvez esta ainda não seja a última parada (Schappo, 2004). Banhadas por um mar de críticas, são sufocadas ao extremo em sua chegada. Constantemente atacados, são chamados de “[...] parasitas económicos [...]”, “Refugiados o caralho”(AngryPortuguese Man, 2017). Um dos pontos de apelo para os que criticam é a atual situação de Portugal e afirmam que “[...] esses imigrantes de merda veem para cá e teem todos os direitos e galias, sem ter que contribuir um tostão para nossa economia” (AngryPortuguese Man, 2017) e complementa dizendo que “Portugal não tem dinheiro nem pros seus, imagines para os outros[...]” (Faro, 2015).

Outro ponto utilizado nos ataques diz respeito à proliferação desta erva pelo jardim lusitano. Um medo de que aos poucos, como já mencionado acima, os portugueses sejam engolidos pelo emaranhado de ervas estrangeiras ou que, em meio a disseminação deste pólen pelos ventos desta nova era, só exista, em um futuro, uma erva híbrida. Ou que esta erva sufoque todo o resto e apenas ela ocupe esse jardim. Um medo incalculável de um eminente multiculturalismo; de que, com a vinda destes refugiados, Portugal se torne, pouco a pouco, muçulmana. “[...] o problema é muitos desses muçulmanos querem

imantar a sharia na europa e não são assim tao poucos os que tem essas ideias” (AngryPortuguese Man, 2017).

Com estes fundamentos, é construída na internet uma narrativa em que inúmeras vozes se posicionam. Levantam dúvidas, inquietações, argumentos e promessas de ataque. “Putá que pariu a merda dos refugiados vão estragar a Europa toda! Eu irei matar todos os refugiados” (AngryPortuguese Man, 2017).

A retórica de repulsa entra já num regime de ação que procura atos de violência para pôr cobro às entradas maciças de populações vindas do centro e norte de África e do Oriente Médio. Os roteiros geográficos que marcam este deslocamento fá-los produzir a crença de que estes imigrantes, sírios ou de outras nacionalidades, são portadores da prática religiosa islâmica. Convictos dessa marca, a religiosidade islâmica é encarada como uma das fronteiras da aversão ao outro desconhecido e generalizado (Mead, 2006). À geografia conectada com o roteiro de quem chega ao País, jogam a cartografia da banalidade do mal (Arendt, 2017), em que um dos arremessos é a morte a infligir a quem pretende entrar para permanecer ou não. Em face da reprodução destas mensagens, as estremaduras entre a figura do ser humano e do ser vivo defínham até a mortificação do eu (Goffman, 1975), que pode ser reduzido a nada mais do que a tolerância pela indiferença ou pela desatenção civil do outro (Joseph, 1986, 1998, 2007). O receio da contaminação pela religião e práticas islâmicas contribui para a afirmação da separação através do fechamento de si perante um outro, que não toleram nem física nem simbolicamente. A sua presença junto da sua comunidade política é recusada liminarmente, sem apelo, nem agravo.

O medo do multiculturalismo, da replicação da religião islâmica na sua versão fundamentalista e da gestão de recursos do Estado português para o apoio a quem procura

entrar em Portugal vindo daquelas regiões, são hasteados como bandeira de guerra neste jardim que é etiquetado por ter gente de *brandos costumes*. Alinhavados por esta brandura, tal adjetivação pressupõe que a habitabilidade dos espaços é alavancada pelos valores de uma menor reclamação, por um ativismo amorfo, por um deixar andar as coisas, por uma contenção e rigidez dos corpos, por vezes, abençoados pelo formalismo como se apresentam ao outro que não reconhecem em si mesmo. Esta declaração de animosidade ao outro como nós, como equivalente a cada um de nós, suspende a generalização desta brandura como um sinal da identificação de um povo.

Ao invés, apoiam-se nos arremessos irados em exemplos de outros países europeus que, com a chegada dos refugiados, foram invadidos por ondas de violência. “França esta em estado de guerra civil desde a invasão islamica [...]”, “[...] aqui na Belgica é a mesma merda, mas não é só um problema de religião mas também, atenção aos africanos, culturalmente um grande problema [...]”, “Ca em Londres eles fazem o que querem esperem até os terroristas montarem tenda” (AngryPortuguese Man, 2017).

Mas as vozes que se levantam não produzem um som uniforme. Ao fundo, quase que inaudível, escuta-se um sussurro de compaixão. Outros, em menor número em termos de vozes expostas nesta arena, não veem nestas flores a maldade talhada por outros. Apesar dos espinhos, creem em um convívio pacífico e agradável. Alguns pedem, “[...] tenhas um pouco de compaixão por estas pessoas que se deslocam agora para a Europa [...]” outros tentam negociar “Admito que sim, é um choque cultural muito grande, mas somos seres humanos e, como tal, devemos viver em comunidade e aceitar as diferenças de cada um [...] e alguns ainda afirmam que “as diferenças culturais são barreiras ultrapassáveis” (Faro, 2015). Existem também aqueles que, ainda apreensivos, concordam em ajudar, visto que, “[...] a vida lá é horrível mas o problema é a quantidade

de terroristas que vem misturados” (Faro, 2015) enquanto outros comemoram a boa ação afirmando que “Portugal sempre foi capaz de muitos mundos” (ONU Brasil, 2016).

Estas ervas jogadas em terras lusas abrem questionamentos a respeito do acolhimento, habitabilidade e hospitalidade, como experiências generalizadas e aceitas por todos os portugueses. Fazem-nos confrontar com um outro que é ou timidamente aceite, com as inquietações marcadas pela quantidade daqueles que procuram o solo pátrio, ou ao invés é considerado como um que não é reconhecido como alguém que é equivalente a si mesmo. A produção da alteridade na luta do reconhecimento do outro (Honneth, 2011; Thévenot, 2007) tende a ser denegada, repudiada.

A primavera árabe trouxe consigo uma vastidão de flores pouco conhecidas pelo mundo europeu. Em terras lusitanas, estas flores enfrentam, além dos preconceitos e repressões aqui informados, dificuldades com a cultura e, principalmente, com a língua (Resende, 2019). Um novo mundo, hostil em muitos termos, está pela frente. Apesar de todos os auxílios oferecidos pelo governo português, os refugiados que nestas terras chegam enfrentam, quando pouco, também a indiferença.

#### **4. A fechar: notas sobre a denegação uma humanidade comum elevada na sua generalidade naqueles que chegam a Portugal**

As deslocções a que se tem assistido atualmente na Europa, com particular frequência desde 2015, são especialmente marcadas pelos acontecimentos expostos iconograficamente por imagens dos naufrágios e salvamentos ocorridos no mar mediterrânico. Toda a narrativa é para a maior parte dos telespetadores vivida à distância e mediada, quer pelas reportagens televisionadas, quer pelas narrativas construídas pela fotorreportagem.

Complacentes, ou não, com os motivos das travessias, quer do norte de África, quer do Oriente Médio, as manifestações de apoio solidário, filantrópico ou por compaixão, ou ao invés os manifestos de repúdio e de repulsa com a vinda destes seres são sempre mediados pelo computador ou pela tela de uma televisão (Boltanski, 1993). Neste sentido, os pontos de vista sobre o fenômeno são reforçados num intervalo de tempo entre a projeção do acontecimento e reversibilidade ou não das suas consequências em uma sequencialidade de ações que visam barrar ou não a sua entrada nos países da orla mediterrânica. É razoável pensar-se que tal sequencialidade pode não decorrer num tempo de perfeita e arranjada sequenciação, isto é, numa sucessão de acontecimentos previsíveis que atravessam os momentos que distinguem aqueles seres e os objetos que suportam a viagem.

Daquilo que é possível descortinar das imagens dos seres que viajam nos frágeis barcos ou nas embarcações de salvamento o que trazem, são os seus corpos com as vestes e com as crianças que se pressupõem que tenham alguma vinculação aos adultos que os transportam consigo. Conjetura-se também que sejam indivíduos foragidos ou da guerra, ou de situação de profunda instabilidade política fugindo da penúria extrema de toda a ordem.

Estes quadros noticiados diariamente produzem o enquadramento de fundo que conduz à mobilização de vozes que se opõem à chegada e à entrada dos indivíduos que experienciam estas longas e penosas viagens (Cefaï, 2007). O que importa por ora reportar é que a indignação é acentuadamente colérica. Aliás, a própria plataforma a partir do qual estes portugueses se apresentam como defensores da recusa intransigente da entrada destes indivíduos em territórios nacionais é designada como um suporte que dá voz a pessoas furiosamente zangadas com o bem-querer das autoridades políticas

europeias e nacionais em autorizar a entrada e a permanência destas pessoas nos seus territórios (Stavo-debauge, 2012).

A expressão furibunda dos opositores a estas movimentações em massa faz destapar um modo de envolvimento da ação suportada por uma razoabilidade à flor da pele, uma razoabilidade irritada, agastada, e mesmo exacerbada sobre um fenómeno que em pouco tempo ganhou uma expressão numérica significativa e que apanhou as autoridades europeias desprevenidas, sem uma política comum de imigração que pudesse dar resposta a este fenómeno humano. Ora a cólera tem um efeito de reduzir a capacitação fundada em eixos argumentativos em prol da figura do justo, ou da distribuição justa dos bens públicos em questão.

Na verdade, não sendo novos estes acontecimentos, a época histórica é outra. Neste momento, a Europa no seu todo experimenta um período de incerteza na sequência da crise financeira ocorrida em 2008/09, a que deu origem ao problema das dívidas soberanas que atingiram com maior destaque os países do sul da Europa. Ora é nesta região que aportam as embarcações carregadas de pessoas vindas do outro lado do mediterrâneo. A crise da dívida soberana implicou a criação de um programa público de resgate financeiro, no sentido de repor injeção de fundos importantes para dotar os países de uma finança pública ajustada ao déficit normativamente definido pela política económica europeia que permitisse, com essa intervenção e saneamento, ganhos de confiança no mercado financeiro internacional.

Estas operações financeiras determinaram negociações complexas que impuseram a muitos destes países programas de austeridade e de menor investimento público, que se refletiu igualmente em uma redução do financiamento privado. Muitas das dificuldades financeiras resultaram também de uma crise de confiança no setor bancário, o que



contribuiu em muitos casos a uma intervenção estatal para revitalizar as perdas sentidas, e colmatar as dificuldades de os bancos garantirem investimento oriundo de fundos privados.

As medidas de política econômica e social tomadas tiveram como consequência a subida vertiginosa dos impostos diretos e indiretos, a descida dos salários, o crescimento do desemprego juvenil e de longa duração, menores proteções sociais aos grupos sociais mais vulneráveis e o aumento da taxa de pobreza. É neste ambiente econômico e social de maior penúria e de privação que estas vozes ecoam com as tonalidades e adjetivações conhecidas.

Por outro lado, a experiência da contração da abundância tem sido uma constante desde os anos 70/80 do século passado. A eliminação do protecionismo das barreiras alfandegárias, a entrada na competição internacional das mercadorias produzidas por países emergentes, enquadrados por ausência de políticas públicas de proteção social ao nível do emprego, da aposentadoria, do acesso à saúde e à educação públicas, entre outras, ou por medidas de ação pública mitigadas em cada uma destas dimensões, acabou por ter impactos diferenciados nos países de economia mais avançada.

Em muitos deles, os embates sentidos são complexos, mas elevados, nomeadamente em setores econômicos mais tradicionais, que não renovaram os seus equipamentos tecnológicos e com uma mão de obra pouco ou nada qualificada. O prolongamento deste ambiente depressivo com expressão não despicienda nos segmentos mais jovens fez disparar o descontentamento e, sobretudo, os afloramentos de uma outra crise tão ou mais problemática que a crise econômica.

Tem-se assistido a uma recomposição do espectro partidário, e a uma acentuada falta de reconhecimento político na atuação dos quadros dirigentes dos partidos políticos

que estiveram, desde a crise de 1975, no arco governativo a administrar os bens públicos, em rotatividade, mas com programas políticos cada vez menos diferenciadores entre si. A formulação de quadros de pensamento único na atuação pública, com vinculações atuantes de dirigentes políticos, suportadas por medidas de ação pública, padronizadas com incidência na governação nacional e transnacional, tem gerado muitas controvérsias em diversos setores que administram bens que interferem nas suas economias de grandeza (Boltanski & Thévenot, 1991) com reflexos nas arenas públicas em geometrias variáveis.

Um desses bens públicos que tem tido um foco mais notório na Europa está ligado às complexidades e ambivalentes definições de políticas e ações públicas (na esfera das migrações internas e externas (Cantelli & Genard, 2007)). Ora as dificuldades no estabelecimento de acordos transnacionais, na União Europeia, nos domínios da segurança e defesa nacionais e europeias, com o desnorte mais sentido na anunciada crise dos refugiados do pós primavera árabe, seguida da guerra civil na Síria, tem vindo a agravar ainda mais a confiança de muitos setores da população europeia na atuação dos seus dirigentes políticos à escala nacional e continental.

O modo titubeante na administração das medidas de ação pública nestas esferas, acrescidas dos acontecimentos de terror acontecidos em diversos países europeus no pós 2001, e que tiveram uma enorme exposição pública, têm contribuído para intensificar ainda mais a crise de legitimação nas atuações públicas dos governantes e dos partidos políticos que arcam a responsabilidade das suas políticas. Perante a natureza vacilante de como agem face a acontecimentos inesperados, mas surpreendentes, o lado incerto das consequências das medidas de ação pública ensaiadas para elevar o grau de confiança na segurança no espaço público, através de formas de coordenação de ação entre forças

policiais e militarizadas de todos os países incluídos na União Europeia, sobrepõem-se ao lado mais previsível dos efeitos da bondade destas mesmas medidas.

E é neste pano de fundo político, porque é público, que se dá nota, neste texto, da emergência das vozes de exasperação e de cólera relativamente à vinda, entrada e permanência virtual, ou real, dos imigrantes qualificados, ou não, como refugiados pelas grelhas de classificação pública que têm por missão estabelecer os critérios dessa qualificação. Na presença das discordâncias públicas, manifestadas por distintos governos e parlamentos nacionais de países vinculados à União Europeia, a proliferação de vozes e de movimentos que se opõem à entrada dos fluxos de imigrantes que chegam às costas de alguns dos países a sul do continente tende não só a aumentar, mas também a beneficiar de um maior apoio popular. Tendo sobre si o apoio popular às suas teses mais extremas que fundam os critérios desqualificadores destes imigrantes, na atribuição desvirtuosa e desconfiada dos intentos destes em solo europeu, estes protagonistas trabalham na desclassificação destes seres no quadro de uma humanidade comum a que estes não têm acesso, nomeadamente, entendido como critério absoluto de convivência num espaço público comum (Freire & Teixeira, 2016). É nesta inversão que as vozes críticas investem de maneira a pôr em causa as teses das políticas de alteridade que têm estado em cima das agendas públicas desde os iluminismos nascidos no século XVIII. Negada ao outro que chega, ao novo que pretende entrar e estar, a possibilidade de ali ser inscrito com qualidades humanas equivalentes àqueles que os devem receber, não só põem em causa as faculdades atribuídas aos seres humanos, como em muitas ocasiões as expressões insistem na sua eliminação como seres vivos, como indivíduos a quem não autorizam a sua existência, seja qual for o seu ambiente a que queiram ligar-se com permanências irregulares.

## REFERÊNCIAS:

ACNUR. (2018). Refugiados. Retrieved December 25, 2018, from <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/>

Agência Lusa. (2018). Portugal lidera pelo exemplo no acolhimento a refugiados sírios, diz Comissário Europeu – Observador. Retrieved January 4, 2019, from <https://observador.pt/2018/02/09/portugal-lidera-pelo-exemplo-no-acolhimento-a-refugiados-sirios-diz-comissario-europeu/>

AngryPortuguese Man. (2017). A feia verdade sobre os Refugiados em Portugal - YouTube. Retrieved February 2, 2019, from <https://www.youtube.com/watch?v=5aeayABAsAA>

ARENDT, H. (2017). *Eichmann em Jesrusalém: Uma reportagem sobre a banalidade do Mal*. Lisboa, Portugal: Editor Ítica.

BAUMAN, Z. (2009). *Confiança e Medo na Cidade*. (B. Mondadori, Trans.) (Edição dig). Rio de janeiro - RJ, Brasil: Zahar.

BAUMAN, Z. (2012). *Medo liquido* (Edição dig). Rio de janeiro - RJ, Brasil: Zahar.

BAUMAN, Z. (2017). *Estranhos à nossa porta*. Rio de janeiro - RJ: Jorge Zahar Editor Ltda.

BOLTANSKI, L. (1993). *La Souffrance à distance: morale humanitaire, médias et politique*. Paris, France: Métailié.

BOLTANSKI, L., & Thévenot, L. (1991). *De la Justification. Les économies de la grandeur* (1<sup>o</sup> Edição). Paris, France: Éditions Gallimard.

CANTELLI, F., & GENARD, J. L. (2007). *Action publique et subjectivité*. Paris, France: Ed. LGDJ.

CEFAÏ, D. (2002). Qu'est-ce qu'une arène publique? Quelques pistes pour une approche pragmatiste. In D. Cefaï & I. Joseph (Eds.), *L'HERITAGE DU PRAGMATISME CONFLITS D'URBANITE ET EPREUVES DE CIVISME* (Editions d, pp. 52–81). La Tour d'Aigues.

CEFAÏ, D. (2005). Os novos movimentos de protesto em França. A articulação de novas arenas públicas. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (72), 129–160. <https://doi.org/10.4000/rccs.985>

CEFAÏ, D. (2007). *Pourquoi se mobilise-t-on? Les théories de l'action collective*. Paris, France: La Découverte / MAUSS.

CEFAÏ, D. (2009). Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. ... *Revista de Estudos de Conflitos e ...*, 2(4), 11–48. [https://doi.org/10.1016/S1077-7229\(02\)80034-7](https://doi.org/10.1016/S1077-7229(02)80034-7)

CEFAÏ, D. (2011). Como uma associação nasce para o público: vínculos locais e arena pública em torno da associação. In D. Cefaï, M. A. da S. Mello, F. B. Veiga, & F. R. Mota

- (Eds.), *Arenas públicas. Por uma etnografia da vida associativa* (pp. 67–102). Niterói-RJ: Editora UFF. Retrieved from [http://lemetro.ifcs.ufjf.br/Cefai\\_Como\\_uma\\_associacao\\_nasce\\_para\\_publico\\_2011-libre.pdf](http://lemetro.ifcs.ufjf.br/Cefai_Como_uma_associacao_nasce_para_publico_2011-libre.pdf)
- CLARKE, A. C. (2013). *2001: Uma Odisséia no Espaço* (1st ed.). São Paulo: Editora Aleph.
- FARO, D. (2015). Sensivelmente Idiota - Concorde com o acolhimento de refugiados em Portugal? - YouTube. Retrieved February 2, 2019, from <https://www.youtube.com/watch?v=Zgo0m36STD0>
- FREIRE, J., & TEIXEIRA, C. P. (2016). Humanidade disputada: sobre as ( des ) qualificações dos seres no contexto de “ violência urbana ” do Rio de Janeiro. *Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política*, 6(1), 58–85.
- GOFFMAN, E. (1975). *Stigmaté. Les usages sociaux des handicaps* (1ª edição). Paris, France: Les Éditions de Minuit.
- HONNETH, A. (2011). *Luta pelo Reconhecimento. Para uma gramática moral dos conflitos sociais*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- JOSEPH, I. (1986). *L'étranger et la mer intérieure* (nº 466). Critique.
- JOSEPH, I. (1998). *Erving Goffman et la microsociologie*. PUF.
- JOSEPH, I. (2007). *L'athlète moral et l'enquêteur modeste*. Paris, France: Economica.
- MADEIRA, N., & LUSA. (2018). Estudantes sírios encontram a paz em Portugal | Euronews. Retrieved February 2, 2019, from <https://pt.euronews.com/2018/05/27/estudantes-sirios-encontram-a-paz-em-portugal>
- MEAD, G. H. (2006). *L'esprit, le soi et la société* (1ª edição). Paris, France: Presses Universitaires de France.
- MILLS, C. W. (1940). Situated actions and vocabularies of motives. *American Sociological Review*, 6, 904–913.
- ONU Brasil. (2016). Em Portugal, estudante síria recebe uma segunda chance - YouTube. Retrieved February 2, 2019, from [https://www.youtube.com/watch?v=e5R1\\_vRdjfA](https://www.youtube.com/watch?v=e5R1_vRdjfA)
- RESENDE, J. M. (2019). As provas da hospitalidade nas escolas do Ensino Secundário em Portugal. In P. Esteves & P. Teixeira (Eds.), *Escola Justa: Diversidades, Desafios e Possibilidades* (p. (no prelo)). Curitiba/PR: CRV.
- SCHAPPO, S. (2004). Migrantes-nômades: chegar, partir ou ficar? *Revista de Ciências Humanas*, 35, 225–240. Retrieved from <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/25413>
- SHAKESPEARE, W. (1603). *The Tragical Historie of Hamlet, Prince of Denmark*. (R. C. Mores, Ed.) (eBook). London, United Kingdom: ebooksbrasil.
- SILVA, D. F. da. (2017). O fenômeno dos refugiados no mundo e o atual cenário complexo das migrações forçadas. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 34(1), 163–170. <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0001>
- SIMMEL, G. (1996). A ponte e a porta. *Revista de Ciências Sociais Política & Trabalho*, 12, 10–14. Retrieved from

<http://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/6379/3955>

STAVO-DEBAUGE, J. (2012). Des événements difficiles à encaisser. Un pragmatiste pessimiste. In D. Cefaï & C. Terzi (Eds.), *L'expérience des problèmes publics* (pp. 191–223). Paris: Écoles des Hautes Études des Sciences Sociales.

STAVO-DEBAUGE, J. (2017a). Les qualités de l'hospitalité et l'idée de <<ville inclusive>>. In *In/Out: Designing Urban Inclusion*. Bruxelles, Belgique: Metrolab Brussels. Retrieved from [https://www.academia.edu/31539397/Les\\_qualités\\_de\\_lhospitalité\\_et\\_lidée\\_de\\_ville\\_inclusive](https://www.academia.edu/31539397/Les_qualités_de_lhospitalité_et_lidée_de_ville_inclusive)

STAVO-DEBAUGE, J. (2017b). *Qu'est-ce que l'hospitalité? Recevoir l'étranger à la communauté*. Montréal: Liber.

THÉVENOT, L. (2007). Reconnaissances: avec Paul Ricoeur et Axel Honneth. In A. Caillé (Ed.), *La quête de reconnaissance: nouveau phénomène social total* (pp. 269–283). Paris: Découverte.

THÉVENOT, L. (2014). Voicing concern and difference: from public spaces to common-places. *European Journal of Cultural and Political Sociology*, 1(1), 7–34. <https://doi.org/10.1080/23254823.2014.905749>

TROM, D. (2001). Grammaire de la mobilisation et vocabulaires de motifs. In D. Cefaï & D. Trom (Eds.), *Les formes de l'action collective* (pp. 99–134). Paris: Éditions L'EHESS.

UNHCR. (2018). Forced displacement in 2017: Global Trends. *Global Trends*, (25 JUNE 2018), 76. <https://doi.org/10.1080/09584939308719709>

**“THE FLOWERS OF EVIL” : THE EXPERIENCE OF THE  
DENEGRATION OF THE OTHER GENERALIZED ON THE  
INTERNET**

**ABSTRACT**

In unprecedented proportions, the arrival of the Arabic spring emphasized the debate regarding to forced migration. The theme, now in vogue, is refugees. Fleeing from the chaos of armed conflict, they are like flowers of a spring of blood and pain. In search of better living conditions, over 68 million people migrate in a disorderly way across the globe. The escape from this conflict ends up bringing up a new encounter to its actors. The leaving, the arrival and the remaining are the problem now. Reception and hospitality issues are raised. It is much more complex than simply receiving. Those flowers that now grow in other gardens are, many times, seen as weeds. This essay intends to "frame", based on an analysis of comments taken from the internet, an image of the Syrian refugee created by the Portuguese. It is also intended to analyze the confrontations faced by these refugees during their socialization process and their experience regarding the arrival (reception) and remaining (hospitality), transposing the unstable bridge between the “be welcome” and the “fucking refugees”.

**KEYWORDS**

Refuge. Hospitality. Refugees. Internet. Critique .